

Negra palavra no negro continente

Coletivo carioca leva três espetáculos, oficina e roda de samba ao Festival Internacional de Teatro do Cazenga, em Angola

Após quase sete anos de trajetória dedicados à valorização da cultura negra brasileira, o Complexo Negra Palavra se prepara para um dos momentos mais simbólicos de sua história: a participação no 21º Festival Internacional de Teatro do Cazenga (Festeca), em Luanda, Angola. A partir desta sexta (3), o coletivo apresentará espetáculos, shows musicais, oficinas e atividades de intercâmbio artístico-cultural, celebrando a resistência afrodiaspórica.

Convidado pelo quarto ano consecutivo pela Associação Globo Dikulu e pelo Centro de Animação Artística do Cazenga (ANIM'ART), o grupo finalmente concretiza uma parceria construída desde 2022, quando recebeu em sua ocupação artística, no Rio, montagens angolanas que deram início a uma relação de troca e colaboração entre os dois países. A ida ao festival em 2026 foi possível por meio do Programa Funarte Brasil Conexões Internacionais e da Bolsa Funarte de Mobilidade Artística Internacional, que viabilizou a circulação do grupo.

Inspirados no pensamento



Paulo Felicíssimo/Divulgação

Complexo Negra Palavra em cena com espetáculo 'Negra Palavra Solano Trindade'

do intelectual quilombola Nêgo Bispo, o grupo acredita que levar um espetáculo de samba, protagonizado por um elenco exclusivamente negro, de volta ao solo africano, é uma missão diplomática.

“Segundo Nêgo Bispo ‘Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece’. Acreditamos que esse projeto reverencia

a profundidade da diáspora africana no Brasil, onde a cultura, cantos, batuques e o culto aos orixás, foram o bálsamo de resistência que permitiu aos povos escravizados manterem o pertencimento.

Para trazer as cores de volta

‘Era uma vez um Tirano’, espetáculo da Cia Cerne, discute liberdade e democracia com público infantojuvenil

Um país colorido onde as pessoas vivem felizes até a chegada de um ditador que resolve apagar tudo — cores, músicas, ideias. O país fica cinza. Quem reclama é preso ou expulso. Alguns fingem concordar. Muito tempo depois, três crianças se encontram e, armadas de imaginação, decidem enfrentar o tirano e devolver as cores à gente. Essa é a trama de “Era uma vez um Tirano”, que a Cia Cerne leva aos palcos do Centro Cultural da Justiça Federal (CCJF) a partir deste sábado (4).

A montagem é a primeira adap-

tação teatral do livro clássico de Ana Maria Machado, com direção e adaptação de texto de Vinicius Baião — dramaturgo que venceu o Prêmio Shell de Dramaturgia em 2024. As músicas originais são de Beto Gaspari e executadas ao vivo pelo elenco durante o espetáculo. O texto ágil faz da curiosidade infantil uma referência para que o público revise seu olhar sobre o mundo.

O espetáculo apresenta personagens divertidos, ritmo rápido e uma aventura - derrotar o vilão e trazer de volta a alegria -, mas entrega uma



Stephany Lopez/Divulgação

‘Era Uma Vez um Tirano’ estreou em 2018 e acumula vários prêmios

necessária reflexão sobre autoritarismo, conformismo e resistência.

A Cia Cerne faz disso sua marca: espetáculos que fomentam discussão sobre um fazer teatral que toca, de maneira lúdica, em questões sociopolíticas. Esse trabalho continuado rendeu ao grupo o Prê-

mio CBTIJ de Teatro Para Crianças 2022 na categoria especial, justamente pela “pesquisa de linguagem que traz questões políticas e artísticas na criação dos espetáculos para crianças”.

“Era uma vez um Tirano” estreou em 2018 e desde então acumula temporadas em Rio e São Paulo. Mas segue colhendo reconhecimento: recebeu 9 indicações

Dessa matriz ancestral surgiram as principais manifestações culturais do nosso país, tendo no samba seu pilar fundamental de identidade”, diz o o grupo em comunicado.

A programação do Complexo Negra Palavra em Angola inclui os espetáculos “Negra Palavra Poesia do Samba”, “Negra Palavra Solano Trindade” e o solo “Voar é o que me põe de pé”, protagonizado por Olívia Araújo. O grupo também vai conduzir a oficina “Pedagogia Negra Palavra” e realizar a sua roda de “Samba do Negra”. Além das apresentações, toda a experiência em Angola será registrada para a produção de um minidocumentário. As atividades serão realizadas em diálogo com artistas e comunidades locais, promovendo uma troca de saberes entre territórios periféricos que compartilham heranças culturais e desafios sociais semelhantes.

O grupo surgiu em 2019 com o sucesso de “Negra Palavra Solano Trindade”, espetáculo dedicado à obra do “Poeta do Povo”, vencedor dos prêmios APTR (RJ), Troféu Arcanjo (SP) e Leda Maria Martins (MG), com seis temporadas e circulação por oito festivais e nove eventos no Brasil. Em 2023, estreou “Pelada – A Hora da Gaymada”, que conquistou o Prêmio Shell de Teatro (Música) e três categorias do Prêmio Prio do Humor, além de circular por editais e festivais como a Virada Cultural de SP. Em 2025, ampliou sua pesquisa com o infantil “Solãozinho – uma viagem com o poeta do povo”, indicado a prêmios como APTR e CBTIJ. Seu espetáculo mais recente é o “Negra Palavra Poesia do Samba”, que estreou em quadras de escolas de samba, e posteriormente ficou em cartaz em diversos teatros do Rio, recebendo a indicação aos prêmios Shell e APTR.

ao Prêmio CBTIJ e venceu nas categorias melhor ator e melhor visagismo.

Fundada em 2013 em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, a Cerne é considerada uma das principais companhias do país, com mais de 60 prêmios entre os principais do teatro brasileiro — incluindo 13 de melhor espetáculo, 9 de melhor direção e 14 de atuação. No ano passado, foi indicada ao Prêmio Shell pela fundação da Escola Popular de Teatro da Baixada, iniciativa que amplia o acesso à produção teatral numa região historicamente pouco contemplada por políticas culturais.

SERVIÇO

ERA UMA VEZ UM TIRANO
Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 — Centro)
De 4 a 26/7, sábados e domingos (15h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)